

**A SEMANA – 212\***

21 de junho de 1896

Querem os almanaques que o inverno comece hoje, 21 de junho.<sup>1</sup> De ordinário começa mais cedo. Este ano, nem eu já cuidava em inverno, quando caiu a grande chuva de quinta-feira, e a temperatura baixou com ela. Manter-se-á a mudança? Esta é a questão, e, se não fosse a minha fé nos almanaques, eu diria que não, tais foram os calores deste mês; mas eu creio nos almanaques.

Sim, creio nos almanaques. Um velho amigo meu conta que, há cerca de quarenta anos, a noite de S. João fez calor de rachar. Pela minha parte, ainda me não esqueci que, há dezessete ou dezoito anos, a noite de S. Silvestre<sup>2</sup> quase fez tiritar de frio. Mas são casos excepcionais. Em geral os almanaques são exatos. As ideias mudam, mudam os vestidos, o estilo, os costumes, as afeições, muita vez as palavras, e a própria moral tem alternativas. Montaigne é de parecer contrário; ele crê que não andamos para diante, nem para traz. *Nous*<sup>3</sup> *rôdons plustôt et tournevirons çà et là*,<sup>4</sup> diz ele pela sua bela língua e ortografia velha. Mas esse grande moralista, parecendo referir-se à vida humana, talvez aluda aos almanaques. Os almanaques não padecem da qualidade ruim de não sossegar nunca, de dizer hoje uma coisa e amanhã outra, de desmentir uns anos por outros. São constantes; os dias de lua variam, mas as mudanças são as mesmas, e não há lua cheia sem crescente, nem nova sem minguante. Há festas móveis, mas os almanaques declaram que são móveis; em compensação, as fixas são fixas. Os santos não saem do seu lugar. De longe em longe, há um dia de quebra.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 172, p. 1, 21 jun. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 203-208). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> Almanagues, como, por exemplo, o Almanaque Laemmert, eram impressões anuais com conhecimentos práticos e de leitura rápida, publicados em grande tiragem. (HALLEWELL, 1985, p. 236-237)

<sup>2</sup> No Brasil, o dia de São Silvestre é comemorado anualmente em 31 de dezembro. A data homenageia São Silvestre I (285-335 d.C.), que foi papa de 31 jan. 314 a 31 dez. 335, no tempo em que Constantino I, que determinou o fim da perseguição aos cristãos, era imperador romano.

<sup>3</sup> *Nous*] *Nons* – em GN.

<sup>4</sup> “gíramos e rodopiamos aqui e ali”. (MONTAIGNE, Livro III, VI. Sobre os coches. Tradução de Rosa Freire de Aguiar, 2010, p. 480)

No que os almanaques podiam mudar, – e não seria mudar, mas tornar ao que foram e confirmar assim a máxima de Montaigne, – é em reviver a astrologia, como no século XVIII. Os daquele tempo traziam predições que eram lidas, cridas e certamente cumpridas, visto que os anos se sucediam, as predições com eles, e a fé não se acabava. Tais eram elas, que o deão Swift<sup>5</sup> também fez o seu almanaque astrológico, em que anunciou uma porção de sucessos mais ou menos graves, uns políticos, outros particulares, alguns simplesmente meteorológicos, como são hoje os de Holloway.<sup>6</sup> Entre essas predições figurou a morte de John Partridge,<sup>7</sup> autor de outro almanaque astrológico, para o dia 29 de março, às onze horas da noite. Não vi a certidão de óbito de Partridge, nem a história se ocupou com o desaparecimento desse personagem; mas em carta que se publicou por esse tempo, a morte de Partridge foi contada como tendo ocorrido no próprio dia 29 de março, pela moléstia anunciada, com a única diferença da hora, que foi às sete e cinco minutos, isto é, quatro horas antes da do almanaque. O finado tentou contestar a notícia; mas a réplica do deão foi tão completa e lúcida, que o fez calar para sempre. Concluo que todas as demais predições daquele ano de 1708 foram cumpridas com pontualidade.

Se o nosso Laemmert quisesse melhorar nesta parte os seus almanaques, creio que beneficiaria o espírito público, além de ver crescer o número dos compradores. A astrologia não é ciência morta, como alguns supõem; eu a creio viva, mais viva que nunca, embora a tenham por sociologia ou outra coisa. Não duvidaria fundar uma faculdade livre, na qual igualmente aprendesse e ensinasse astrologia, e estou que daria prontos meia dúzia de bons astrólogos, no mesmo prazo em que um homem se pode formar em jurisprudência, ou ainda menor, em seis meses. A astrologia, bem considerada, é a aplicação dos raios X ao tempo. Assim como se transporta ao papel a figura dos ossos escondidos na mão, assim também se pode dizer no dia 1 de janeiro os sucessos dos meses seguintes.

Suponhamos que o almanaque do presente ano trouxesse este melhoramento. As vantagens seriam grandes e evidentes, não porque a predição pudesse desviar os sucessos ou modificá-los; desde que vinham preditos, tinham de acontecer. Mas, em primeiro lugar, o espírito público ficaria avisado, e não haveria desses abalos que tanto concorrem para matar o coração, e com ele o homem. Já se sabia do caso; era só esperar.

<sup>5</sup> Jonathan Swift. Ver nota 7.

<sup>6</sup> Thomas Holloway (1800-1883) fez fortuna vendendo medicamentos populares que eram anunciados em jornais. (GLEDSON, 2004, p. 194-195) Ver anúncio de fármaco de Holloway em *A Notícia* (ano III, n. 111, p. 3, col. 5, 9-10 maio 1896), no final desta crônica.

<sup>7</sup> John Partridge,] John Tartridge, – em GN e em SEM1953 (nesta e nas ocorrências subsequentes). John Partridge (1644-1714), astrólogo inglês, autor do *Martinus Liberatus* – almanaque publicado anualmente. Jonathan Swift (1667-1745), utilizando o pseudônimo Isaac Bickerstaff, nas *Predições para o ano 1708*, satirizou autores de almanaques, como John Partridge. Depois de denunciar as predições deste autor, Swift (Bickerstaff) previu, entre outras coisas, a data e hora exatas da morte do astrólogo inglês: 23h do dia 29 de março de 1708. A previsão não se confirmou. (SWIFT, 2005, p. 61)

A alfândega, por exemplo, tinha marcado o dia das descobertas de desvios, falsificações e outros fenômenos. Quando estes se dessem, era só ler os pormenores. Pode ser até que, à força de esperar pelo crime, mal o julgássemos crime, e o fato de ser descoberto em dia marcado traria naturalmente a suspeita de ser a autoria fatal e necessária. Nem por isso ficaria impune. Os autores não tentariam fugir, já porque andariam vigiados e seriam pegados em tempo, já porque a própria fatalidade do crime os deixaria namorados do lucro, não contando que a esperança é eterna.

Em segundo lugar, preditos os acontecimentos nos almanaques, cada cidadão podia estudar o papel que lhe deveria caber naquele ano. Uns comporiam com tempo os discursos de indignação; outros, indiferentes, achariam na matéria do sucesso delituoso um bom motivo para almoçar bem. Agora mesmo sucedeu que, ou o povo, ou um subdelegado em S. Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro, armou gente, depôs o conselho municipal, e aclamou ou fez aclamar um conselho novo, tudo em menos de duas horas; é o que li nas folhas de ontem.<sup>8</sup> Supondo este fato predito, os cinco meses e tanto decorridos entre a publicação do almanaque e a realização do fato acostuariam a gente a esperar por ele, encará-lo, examiná-lo, em tal modo que, quando chegasse a notícia, era como a análise de uma peça teatral representada na véspera. Tudo dependeria do talento do crítico. O único defeito da peça seria não ter mulheres; mas o presente copia às vezes o passado, e as cidades antigas e modernas raramente as metiam nas suas brigas interiores.<sup>9</sup> Verdade é que S. Gonçalo pode ser uma espécie de Florença municipal, e começar esta divisão como a outra fez a sua de guelfos e gibelinos.<sup>10</sup> Não há notícia da são-gonçalista<sup>11</sup>

<sup>8</sup> A notícia desse acontecimento pode ser lida em jornais cariocas. Na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 171, p. 1, col. 5, 20 jun. 1896), lê-se: “No dia 18, das 2 para as 3 horas da tarde, estavam no edifício da câmara em S. Gonçalo o Sr. Manuel Francisco Rodrigues, presidente, o Sr. Estêvão Valilé, secretário, e mais dois empregados de categoria inferior, quando foram surpreendidos por um grupo de *praças de polícia* e de paisanos armados, que, sob o comando do *subdelegado Adolfo Saldanha*, intimou-os violentamente a entregar-lhes o edifício da câmara, livros, cofres com dinheiro, etc. [...] Fez mais o representante da polícia, herói principal da gloriosa façanha: mandou lavrar uma ata de deposição e obrigou a vítima a assiná-la.”

<sup>9</sup> Machado de Assis escreveu duas peças de teatro em que não há mulheres – *Quase ministro* e *Os deuses de casaca*. Ambas foram escritas para ser representadas em saraus literários e artísticos, nos quais era vedada a presença feminina. No prefácio de *Os deuses de casaca*, o autor diz que uma das “condições impostas ao autor desta comédia, e ao autor de *Luís* [Ernesto Cibrão, autor de outras peças representadas nos mesmos saraus], era que nas peças não entrassem senhoras. Daqui vem que o autor não pôde, como lhe pedia o assunto, fazer intervir as deusas do Olimpo no debate e na deserção dos seus pares. Os que conhecem estas coisas avaliarão a dificuldade de escrever uma comédia sem damas. Era menos difícil a Garrett e a Voltaire, pondo em ação as virtudes romanas e as lutas civis da república, dispensar o elemento feminino.” (Ver na *Machadiana Eletrônica*, v. 5, n. 9, p. 108, jan.-jun. 2022) *Catão* [1821] e *La mort de César* [1743] são, respectivamente, as peças de Garrett e Voltaire. Sobre a vedação da presença de mulheres em saraus, clubes e associações, ver tese de doutorado *O teatro de Machado de Assis – 1860-1870*, e o artigo “Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca*”, ambos de Nilton de Paiva Pinto (2020, p. 126, p. 132-133 e p. 162 – tese; e 2022, p. 221-232 – artigo).

<sup>10</sup> Duas facções políticas – gibelinos e guelfos – estiveram em luta na Itália, especialmente na República Florentina, a partir do século XII. Gibelinos apoiavam o imperador como autoridade absoluta na Europa; e guelfos o papado.

<sup>11</sup> são-gonçalista] san-gonçalista – em GN; sã-gonçalista – em SEM1953. O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* registra apenas “são-gonçalo” e “são-gonçalense”. Por analogia, adotamos a grafia “são-gonçalista”.

que haja produzido o ataque armado à câmara e a deposição do conselho; as notícias são incompletas. Venham as restantes; venha também um almanaque com os sucessos de 1897.



**Anúncio de medicamento de Holloway**

FONTE: *A Notícia*, ano III, n. 111, p. 3, 9-10 maio 1896.

**Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

**Referências**

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 172, p. 1, 21 jun. 1896. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=14395](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14395)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite; Ana Lima Cecilio; Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

ASSIS, Machado de. Os deuses de casaca. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 5, n. 9, p. 105-162, jan.-jun. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/1001>>.

GLEDSON, John. Polcas aos poucos. In: WISNIK, José Miguel. *Sem receita: ensaios e canções*. São Paulo: Publifolha, 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lolio Lourenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1985.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios: uma seleção*. Organização de M. A. Screech; tradução de Rosa freire Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PINTO, Nilton de Paiva. *O teatro de Machado de Assis – 1860-1870: uma alternativa na dramaturgia brasileira*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. (Tese de doutorado) Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/46556>>.

PINTO, Nilton de Paiva. Machado de Assis sobre “Os deuses de casaca”. *Machadiana Eletrônica*, v. 5, n. 9, p. 221-232, jan.-jun. 2022.

SWIFT, Jonathan. *Modesta proposta e outros textos satíricos*. Tradução de José Oscar Almeida Marques e Dorothée de Bruchard. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.